

Manuscritos literários e pesquisa

Eliane Vasconcellos*

Fundação Casa de Rui Barbosa



RESUMO – Cartas, documentos e traços materializados do processo criativo, os manuscritos de escritores são subsídios importantes para entender o processo de criação. Faremos uma síntese do material que pode ser encontrado no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Casa de Rui Barbosa, tomando por exemplo principalmente os originais de Pedro Nava, Clarice Lispector e Vinicius de Moraes.

Palavras-chave: Manuscrito; Processo de Criação; Acervos

ABSTRACT – Letters, documents and material traces of the creative process, the manuscripts of writers are important data for understanding the creative process. We will do a synthesis of material that can be found in the files – Museu of Brazilian literature of the Rui Barbosa, taking for example, principally, the writings of Pedro Nava, Clarice Lispector and Vinicius of Moraes.

Keywords: Manuscripts; Creative Process; Archives

O termo manuscrito pode ser entendido como o conjunto de documentos: autógrafos, datilografados, digitados, éditos ou inéditos. É no manuscrito que aparecem todas as tensões de um texto. A obra de um escritor não é apenas o texto publicado, mas um processo. Para Louis Hay,¹ o ato de leitura é um ato programado e o livro funciona como uma máquina de leitura. O manuscrito, ao contrário, apresenta uma imagem de composição do texto. Ele se distribui sobre múltiplos espaços e se orienta dentro de percursos diversos. Comporta uma diversidade de signos gráficos: letras, palavras, rasuras, marcas de posição (encaminhamentos, inserção, deslocamento), símbolos, desenhos. No livro, o texto é dado para ler e no manuscrito, uma imagem é dada para ser vista. Andrew Motion afirma que aprendeu muito mais sobre escrita olhando as páginas de um manuscrito do que estudando.

A diligência para preservar da destruição e do desaparecimento os rascunhos de seus textos constitui um dos hábitos do escritor, embora nem todos tenham esta preocupação.

E onde encontramos esses manuscritos preservados pelos escritores? O espaço de preservação deste material é o arquivo pessoal.

De acordo com o *Dicionário de terminologia arquivística*, arquivo significa “o conjunto de documentos que independentemente da natureza ou do suporte, são reunidos por acumulação ao longo das atividades de pessoas físicas, jurídicas, públicas ou privadas”. São documentos guardados em decorrência de algum critério que, do ponto de vista do acumulador, pareceu-lhe importante preservar e que, com o passar do tempo, tornaram-se importante fonte de pesquisa para os estudiosos. Esse material guardado é a origem dos arquivos pessoais privados, que podem ser de políticos, de cientistas, de artistas, de literatos. Não podemos esquecer que uma pessoa sem notoriedade pode também ter o seu arquivo.

O objetivo principal de um arquivo é o de preservar a memória e nós somos uma memória viva para a história, pois um documento produzido pode, com o passar do

* Doutora em literatura brasileira, com pós-doutorado no Institut des Textes et Manuscrits Modernes (ITEM). Pesquisadora titular da Fundação Casa de Rui Barbosa e professora titular do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

¹ Qu'est-ce que la génétique? <<http://www.item.ens.fr/index.php?id=44566>>.

tempo, adquirir valor de monumento, como propõe Le Goff.

Na década de 1960, esse patrimônio escrito passa a ser visto como objeto de pesquisa científica. Os institutos de conservação públicos e privados se multiplicam, passam a existir os centros de pesquisas especializados no estudo de manuscritos, rascunhos e esboços das obras literárias. As cadernetas dos escritores passam também a ser objeto de análise, e vão ser fundamentais nos estudos da gênese do texto. Exposições literárias dão ênfase a esse material, que inicialmente ficava guardado nas gavetas, mas é da mais alta importância, pois é onde se encontra a “planta baixa” do processo de criação. A publicação das correspondências vem trazendo à tona informações relevantes das mais diferentes ordens; as “escrituras íntimas” saem também dos baús e começam a ser publicados os diários. Muitos países têm suas bibliotecas nacionais reconstruídas ou reformadas.

No Brasil, a preocupação com a preservação da nossa memória inicia-se com a atuação destacada de alguns modernistas, nos anos de 1930, como Mário de Andrade e Rodrigo Melo Franco de Andrade, em prol da organização e preservação do nosso patrimônio histórico e cultural. A constituição e o cuidado com acervos literários, enquanto ação mais sistemática e vinculada à produção de conhecimento, são tardios entre nós. Basta ter presente dados relativos à criação de alguns de nossos principais centros de documentação literária para que isso se comprove.

Quando se trata de arquivos literários no Brasil, a primeira referência é a Biblioteca Nacional. Na seção de manuscritos podem ser encontrados mais de 600 mil documentos. Outras instituições passaram a guardar documentação literária, mas são mais recentes. Entre elas, podemos citar o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo, criado em 1962, por iniciativa de Sérgio Buarque de Holanda. É um órgão interdisciplinar de pesquisa e documentação sobre nossa história e cultura, e abriga arquivos de importantes escritores, como Mário de Andrade, Guimarães Rosa e Graciliano Ramos.

Em 28 de dezembro de 1972, foi inaugurado, na Fundação Casa de Rui Barbosa, o Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB). Sua criação atendia a um apelo de Carlos Drummond de Andrade que, em sua coluna do *Jornal do Brasil*, de 11 julho de 1972, lamentava a falta de um museu de literatura, como defesa contra as perdas da nossa memória literária.

O sonho de Drummond torna-se realidade. A ideia nasceu no Sábadoyle, conversas de sábado que alguns escritores amigos de Plínio Doyle costumavam ter em sua biblioteca de Ipanema. Américo Lacombe, presidente da Fundação Casa de Rui Barbosa, logo lhe apreendeu

o interesse e decidiu torná-lo realidade. O Arquivo-Museu de Literatura (AML) instalou-se, acanhadamente, no sobrado da velha mansão. Logo o “arquivo-museu menino” começou a ganhar credibilidade, cresceu e firmou-se como um centro respeitável e sério, com o seu trabalho reconhecido no Brasil e no exterior. Assim, as peças não mais chegavam isoladamente; recebíamos agora arquivos inteiros, ou complementação de material já doado.

O material encontrado no AMLB é preciosa fonte de investigação teórico-crítica, no qual podemos encontrar informações relacionadas à vida literária de um autor, sua produção, a de seus contemporâneos e a de sua época.

O acervo do AMLB constitui-se, atualmente, de 123 arquivos, cujo material nos permite compreender o contexto, em que a obra nasceu, como se desenvolveu e muitas vezes até, como chegou ao público e o caminho percorrido a partir daí. Só por meio da guarda deste material é que ficamos sabendo que Antonio Fraga escrevia seus textos em maços de cigarro, ou ainda, que Pedro Nava datilografava seus originais em folha dupla: à esquerda, o texto que seria impresso, o que lemos, hoje, na obra publicada; à direita, um arsenal da criação, como desenhos, mapas, etc. Explorar um arquivo pode representar um risco para a desmitificação.

Um arquivo é, normalmente, arrumado em séries, e os manuscritos no AMLB, são encontrados na Produção Intelectual do Titular ou na de Terceiros. Como o próprio nome indica, a primeira das séries compreende o que foi produzido pelo titular do arquivo e a segunda, o que foi remetido a ele. Na Produção Intelectual do Titular, podemos encontrar manuscritos definitivos das obras do autor, algumas das versões anteriores, cadernos ou agendas com anotações e notas. Este material possibilita restaurar o processo de criação, ou ajudar a proceder ao preparo de edições fidedignas, críticas ou genéticas.

Podemos observar que há, por parte do público, uma curiosidade por este segredo da construção, que revela o processo de criação, destruindo o mito de que o texto literário, a obra de arte é concebida como um trabalho de inspiração.

Para Pierre-Marc Biasi, uma exploração destes fundos, ainda em grande parte inéditos, permite ao pesquisador definir um conjunto de novas ferramentas técnicas e teóricas, como a abordagem genética, que propõe estudar os textos no seu estado de nascimento, tentando compreender a gênese, em termos de processo².

² Pierre-Marc de Biasi. *Pour une politique d'enrichissement du patrimoine écrit*. <<http://www.item.ens.fr/index.php?=13573>>.

Para dar uma ideia da riqueza do material existente nos acervos, trazemos um quadro sinóptico do material encontrado nos arquivos de Clarice Lispector e Vinicius de Moraes.

CLARICE LISPECTOR

VINÍCIUS DE MORAIS

84 trabalhos crônicas, artigos e traduções	1500 trabalhos artigos, cinema, conferências, discursos, relatórios e saudações, entrevistas, letras de música (194 letras), partituras, poesia, prosa, show, teatro e tradução
Romance <i>Água-viva</i>	Cinema <i>Les Amants de la Mer; Garota de Ipanema; Orfeu Negro; Polichinelo</i> (filme que não se concretizou). E vários trabalhos inacabados
Conto "A Bela e a Fera"	Poesia "planta-baixa" de todos os seus livros, "Os Acadêmicos... das 5 Horas"
Conferência "Literatura Atual no Brasil" "Congresso Mundial de Bruxaria"	Prosa "O Mexerico", jornal manuscrito a lápis, redigido por VM e seus irmãos
Artigo "Feira de Utilidades"	Show <i>Sinfonia da Alvorada</i>
	Teatro <i>Orfeu da Conceição</i> "Os Três Amores", de 1927

Podemos perceber que, os acervos podem ter muitas lacunas, como no caso do de Clarice, mas mesmo assim ainda constituem importante fonte de pesquisa. Como falamos anteriormente, preservar ou destruir o material produzido por um escritor, ou até mesmo manipular os seus documentos, pode ser entendido como uma vontade autoral; assim, a ausência ou a presença de determinado tipo de documentação em um acervo pode ter um significado maior do que o da simples preservação ou descarte. Caberá ao pesquisador saber ler as entrelinhas documentais.

Para salientar esta importância, quero dar a conhecer um pouco mais da riqueza escondida nos manuscritos. Tomaremos, para exemplo, a subsérie Memória do arquivo de Pedro Nava.

Nava escreveu sempre à máquina, em papel sem pauta (44,4 x 33,0 cm), dobrado em dois, como vimos. Utilizava somente uma página para o texto; na outra, fazia correções à mão, descrevia tipos, fazia desenhos, muitas caricaturas e colagens de recortes. Usava, com frequência, plantas de cidades e de casas, além do mais variado material de apoio necessário à sua criação. Todo este arsenal não vai para o livro impresso, certamente devido ao custo da reprodução. Apesar de Nava não ter

tido educação formal na área das artes plásticas, seus desenhos são de excelente qualidade estética e de forma alguma devem ser comparados àqueles feitos ao acaso, ou seja, quando, distraidamente, fazemos rabiscos para nos alienarmos de algo que nos entedia. Em entrevista a José Mário Pereira, Nava esclarece: "Para a descrição dos tipos eu procuro desenhar primeiro. Fazer retrato. Se o nariz é grande, faço maior, caricaturado, uso plantas de cidades e de casas". Este trabalho de Nava nos remete à citação de Michel Arrivé sobre os desenhos de Alfred Jery: texto e desenho se encontram no mesmo nível e manifestam precisamente o mesmo conteúdo. E acrescento estão lado a lado, como nos mostra seus originais. Há uma exploração conjunta do verbal e do gráfico. O escritor desenha e escreve no mesmo suporte³.

Os desenhos eram muito importantes para Nava, porque facilitavam enormemente a associação de ideias; funcionavam como um instrumento da lembrança. Se queria falar de uma residência onde morou, reconstituía-lhe a planta, desenhava-lhe cuidadosamente portas, janelas, móveis e quadros, depois, ao lado, comentava os pormenores do ambiente, usando o lápis de cor.

Exemplificando: na folha trinta e cinco do datiloscrito de *Chão de ferro*, na página em branco, ao lado do texto, encontra-se colado, um pedaço de papel, com a seguinte observação: "Mostro aqui um pequeno fragmento do que eram nossas colas em formato de sanfona. A letra que estou pondo aqui e os claros entre as linhas são enormes comparados às miniaturas que conseguíamos com nossos olhos de lince de meninos de 13 a 17 anos".

Seus manuscritos estão repletos de desenhos: nos de *Baú de ossos*, folhas 242, 287 e 300, há mapas de ruas; nos de *Balão cativo*, na folha de nº 70, há a cabeça de Pedro Álvares Cabral, em forma de mapa do Brasil; na de nº 339, após o desenho, faz a descrição minuciosa da chácara da Rua Direita 179, com observações do tipo: "barraco da Lúcia"⁴, "Em verde: futura casa do Bicanca e em pontilhado verde o pedaço da chácara que lhe coube", "riacho", "cemitério dos micos"; na de nº 392, desenho de uma cabine de trem, em que se lê: "o veludo do tapete central passadeira imunda", "quando se queria água para as mãos não era abrindo torneira mas tocando a bomba de cobre". Em *Chão de ferro*, folhas 6, 13 e 20, encontramos caricaturas de Álvaro Moreira, Badaró e Bené (o professor de desenho Benedito Raimundo da Silva).

Percorrendo, ainda, o manuscrito de *Baú de ossos*, podemos ler uma observação na folha nº 201: "Um mês sem tocar nas Memórias e preparando dois trabalhos

³ SÉRODES, Serge. Les dessins d'écrivains. *Genesis*, Paris, Jean Michel Place, 10, p. 95-110.1996.

⁴ Ver anexo I.

médicos. A 29 de dezembro 1969 morte da tia Bibi que completara 90 anos a 25. Foi a última da família de meu Pai. Hoje sou o mais velho... O tempo urge”, e, na de nº 317. “Aqui ficou o fim de *Baú de ossos* por sugestão (boa) do Chico Barbosa e do Sabino. O resto foi para o 2º volume”.

Todos os originais de Pedro Nava vieram acompanhados de anexos, que são as pesquisas realizadas por ele, para redigir seus textos. Tais anexos são compostos por “suportes móveis onde se inscrevem notas rápidas, mas destinadas agora a uma obra já em andamento ou pelo menos a um projeto de escrita”. São, em última instância, um conjunto de notas, a que Pedro Nava dava o nome de boneco. Seu sistema de armazenamento consistia no seguinte: anotava tudo o que lhe ocorria de interessante; fazia observações diretas sobre os fatos; registrava fontes históricas, testemunhos, curiosidades; guardava documentos, recortes de jornais, fotos, desenhos. As folhas do seu caderno acabavam se transformando em fichas, e cada uma recebia um número. Depois disso, Nava as colocava em ordem, formando, assim, um possível esqueleto da obra. Depois de usada, a ficha era jogada fora. Mais tarde, porém, a conselho de Carlos Drummond de Andrade, passou a guardá-las. Hoje elas se encontram numeradas e arquivadas em pasta especial. É um material sem muitas rasuras, correções ou substituições; não possui outra versão e nem foi feito para ser publicado. Atualmente, entretanto, com o advento da crítica genética, adquire um novo *status*, torna-se parte indispensável da totalidade dos manuscritos. O mesmo se aplica ao caderno de anotações e ao caderno de viagens.

Os arquivos literários são ainda pouco explorados, percebe-se uma procura maior pelo material encontrado a partir dos anos 1980, pois o arquivo, longe da ideia de lugar sagrado, propõe e instiga novas associações, dessacralizando a literatura e abrindo novas portas para o conhecimento da obra literária, principalmente no campo da crítica genética, da edição crítica, da textologia e da história cultural. Assim, a política que deve imperar nas instituições de guarda do patrimônio escrito nacional deve ser a de incitar os escritores a doar seu material e facilitar o acesso às informações. E para aqueles que pensam que a era da informática vai acabar com os testemunhos de redação, lembro aqui as palavras do estudioso Pierre-Marc de Biasi, que afirma, em seus artigos, que a era da informática não trará o fim do rascunho, mas pode ser a idade de ouro deste.

Gostaríamos ainda de chamar atenção para um aspecto importante sobre o tema pesquisa e manuscritos, qual seja o da classificação e acesso a estes documentos. A doação de um arquivo pode vir acompanhada de exigências do doador, como a de permitir que o acervo seja consultado depois de completamente organizado, reservar alguns documentos por determinado período, principalmente quando se trata de correspondência e diários, e só dar acesso a determinado tipo de pesquisa.

É raro um arquivo chegar às nossas mãos com alguma classificação prévia. Da entrega do material até o processamento total do mesmo, passa-se por uma aventura material e intelectual. Há a higienização, a restauração (quando necessária), a separação de cada documento em série, a identificação, seguida de uma classificação e a leitura de cada item documental, preparando-se, a partir daí o inventário analítico, inicialmente disponibilizado na base de dados da FCRB e posteriormente, publicado em papel.

Mas precisa-se de alguns anos para cumprir toda esta trajetória. O exemplo mais específico que temos no AMLB é o da organização do arquivo de Pedro Nava: com 6,54 cm, constitui-se de 6.110 documentos, o que corresponde a 9.471 folhas, mais fotos e desenhos, além dos recortes de jornais. Foi organizado em dois (2) anos, com o auxílio do CNPq, e contou com uma equipe de nove pesquisadores.

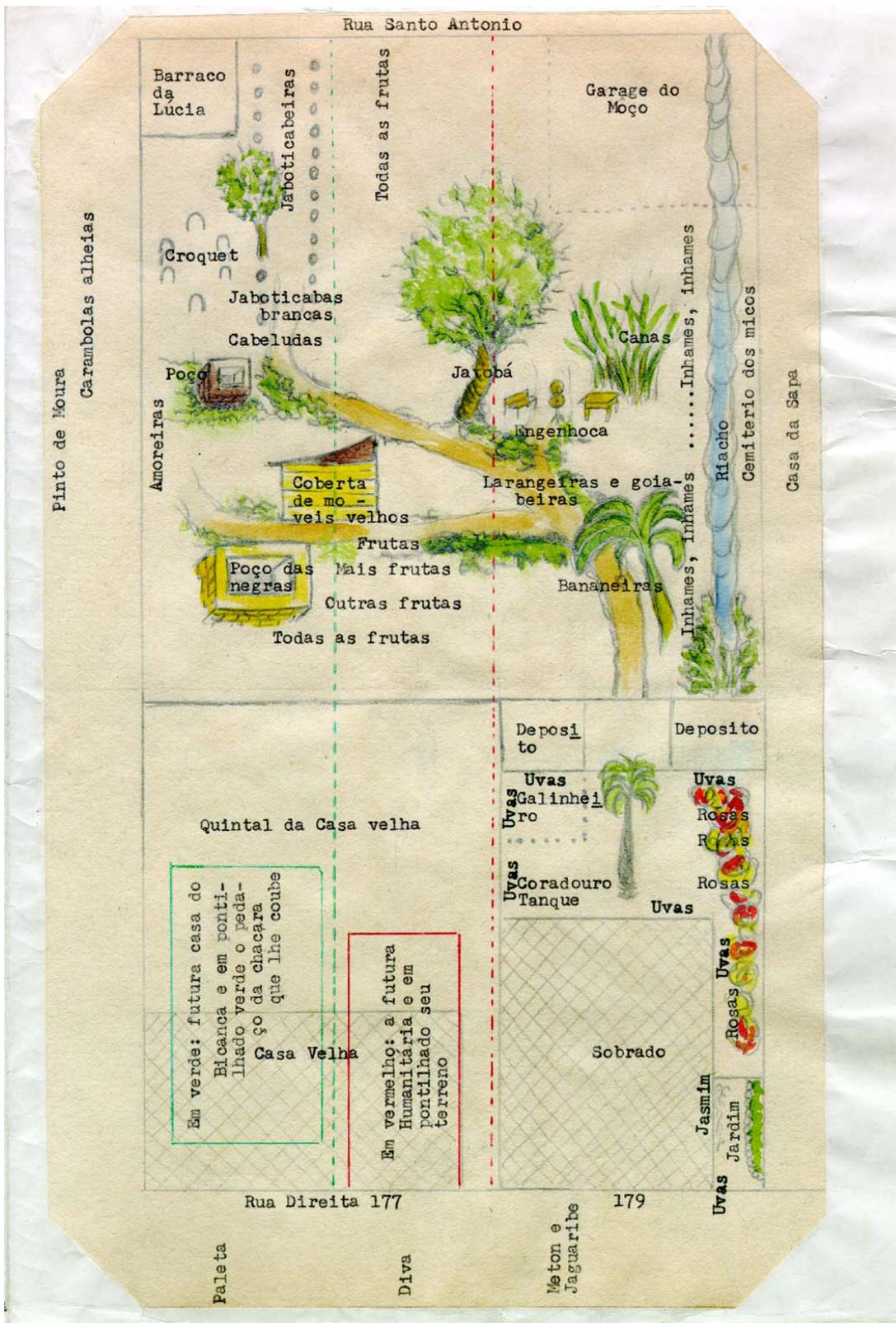
O AMLB, consciente da demora para a organização de um fundo, sempre que possível, elabora inventários sumários, o que permite ao pesquisador ter acesso à documentação. Quero salientar, ainda que a maior parte da documentação encontrada nos acervos está protegida pela lei de direitos autorais.

Para a divulgação de seu material, o AMLB, já organizou inúmeras exposições, e seu acervo é fonte preciosa para qualquer exposição que se queira realizar no campo da literatura.

Gostaria de terminar minha fala, convidando a todos para conhecer o acervo do AMLB. Nas palavras de Antonio Carlos Villaça:

Trata-se de uma instituição viva, dinâmica, disposta a prestar serviço à comunidade. Não é uma torre de marfim, um *hortus conclusus*, um lugar fechado, uma capelinha esotérica, mas pelo contrário, um ponto de convergência, um lugar de convívio, uma casa voltada ao mesmo tempo para o passado e para o futuro, aberta, disposta a dar, e não só a receber.

Anexo 1



Recebido: 24 de setembro de 2010
 Aprovado: 30 de setembro de 2010
 Contato: vasconcellos@rb.gov.br